

Ribeirão Preto, 16 de julho de 2002

Prof. Dr. Harley Bicas
Editor
Arquivos Brasileiros de Oftalmologia

Prezado Editor,

PHD ou D?

Essa correspondência tem por objetivo discutir alguns aspectos da carta do Prof. Rubens Belfort Mattos Jr. publicada no último número dos Arquivos.

Inicialmente gostaria de me solidarizar com o autor no tocante ao problema da participação de alguns de nossos colegas em Congressos nacionais e internacionais. O absentismo injustificado de palestrantes é intolerável. Como organizador de várias reuniões científicas em Ribeirão Preto, já fui vítima desse tipo de atitude e posso garantir que a sensação é bastante desagradável. A organização de congressos exige um tremendo esforço por parte das pessoas que estão na comissão organizadora e quando um palestrante já compromissado com o evento não aparece, a frustração é grande. Quando a ausência se dá em um congresso internacional, o problema é ainda maior, pois é a reputação do país e, por conseguinte de todo nós, que é afetada.

Em relação ao segundo tópico da carta, o uso no Brasil da abreviatura “PhD” por parte de oftalmologistas que detêm o título de Doutores *strictu sensu*, vou discordar do autor, pois acredito que o Prof. Belfort está adotando uma posição dogmática e simplista.

Afinal qual é o problema das três benditas, ou malditas, letras PhD? Se elas significam *Philosophiae Doctor* (nesse ponto eu concordo inteiramente com o Prof. Rubens) por que só os que obtiveram Doutorado em biologia, farmacologia, fisiologia, saúde pública e coisas afins têm o privilégio do prestigioso apêndice e aqueles que obtiveram o mesmo título em áreas como Medicina, Engenharia, etc. não podem usá-las? Afinal o que filosofia tem a ver com saúde pública?

Como os oftalmologistas brasileiros que têm doutorado utilizam (a meu ver corretamente) o dito cujo apêndice quando escrevem em inglês e geralmente para americanos, convém examinar como e porque as três famosas letras foram parar nos Estados Unidos.

Essa questão foi longamente explicitada no famosíssimo parecer 977/65 do Conselho Superior de Ensino do MEC, aprovado em 3/12/1965 e de autoria de um time de peso-pesados da intelectualidade brasileira de todos os tempos: Almeida Júnior, Newton Sucupira, Clóvis Salgado, José Barreto Filho, Maurício Rocha e Silva, Dumerval Trigueiro, Alceu Amoroso Lima, Anísio Teixeira, Valnir Chagas e Rubens Maciel.

Nos EUA, quando o aluno deixa a High School e ingressa

no sistema universitário, ele é obrigado a cursar o College, que é a base comum de estudos de todo o espectro do conhecimento superior. Nesse nível, ele obtém o título de bacharel (BA ou BSc) sendo considerado um *under-graduate*. Se ele deseja avançar e obter graus superiores de educação ele continua a fazer estudos regulares para obter o título de Master (MA ou MS) e de Doutor ou PhD, tornando-se um *graduated*. Assim vê-se que aquele que nós chamamos de pós-graduando, eles chamam de “graduando”.

Como as três letrinhas foram parar na América? Elas só obtiveram a *green card* em virtude da influência germânica no ensino superior americano. Com efeito, o *College* americano corresponde às classes superiores do denominado ginásio alemão. Na Alemanha, o nível universitário sempre foi alcançado com estudos posteriores. Como a primitiva Faculdades de Arte, tornou-se a Faculdade de Filosofia, os alunos que ali eram graduados recebiam o título de Doutor em Filosofia, *Philosophiae Doctor* (PhD), título que passou a ser conferido **em qualquer setor de ciências e das letras**. Inspirando-se nessa faculdade, a *Graduate School* americana é **o instituto que se encarrega dos cursos de pós-graduação, o lugar, por excelência, onde se faz pesquisa científica, se promove a alta cultura, se forma o scholar e se treinam os docentes dos cursos universitários** (cópia *ipsis literis* do aludido parecer 977/65).

O sentido moderno de PhD é claro. Ser PhD significa que o indivíduo teve uma formação específica de cunho científico e didático que o habilita tanto ao exercício da docência quanto ao da pesquisa. Ele foi capaz de estruturar um ou mais experimentos, obter conclusões originais e defendê-las formalmente numa tese. Em última análise, ele aprendeu o chamado método científico. Esse conjunto de características, que obviamente é impossível de ser alcançado nos cursos regulares de graduação profissionais (medicina, engenharia, direito), confere àqueles que são PhD um perfil acadêmico, fundamental para o exercício da pesquisa. A total equivalência entre PhD e Doutorado é plenamente reconhecida no documento que criou a pós-graduação brasileira, literalmente...**nos Estados Unidos, conforme vimos, o doutorado de pesquisa é o PhD, ou seja, Philosophiae Doctor, segundo o modelo germânico e que se aplica a qualquer setor de conhecimento. Assim, temos o PhD em Física, Sociologia, Letras, Biologia, etc... ou em Filosofia propriamente dita.**

Vale lembrar que as três importantes letrinhas não são usadas em todos os países. Na França, cobrindo toda a área

das Ciências e Humanidades há respectivamente o Docteur en Sciences e o Docteur des Lettres. Na Alemanha, há o Dr. Philosophiae (relativo a Faculdade de Filosofia), o Dr. Rerum Naturalium (ciências naturais e exatas) e o Dr. Rerum Politicarum (ciências sociais e econômicas), além dos diversos doutorados relativos às profissões liberais tradicionais.

Esse verdadeiro imbrólio de denominações usado para substituir as três letras que nos ocupam, levou a Universidade de São Paulo a exarar uma resolução (CoPGr nº 4678/99) para orientar as Câmaras de Pós-Graduação que examinam processos de equivalência de Doutorado. Por exemplo, os títulos franceses de Doctorat de 3ème cycle, Docteur Ingénieur e Doctorat d'Université **não** são reconhecidos como equivalentes ao Doutorado da Universidade de São Paulo. Idem os diplomas de Laurea de Dottore e Baccalaureatum da Itália e os de IERE e 2e License da Bélgica.

Em resumo, PhD e o Doutorado brasileiro traduzem a mesma coisa, isto é, a aquisição do método científico consubstanciado pela realização de uma pesquisa, defendida formalmente como tese. Os oftalmologistas brasileiros quando usam o apêndice PhD estão dizendo aos seus colegas americanos que eles têm essa formação. A questão histórica relativa ao objeto da tese, se biologia ou óptica fisiológica, é, claramente, irrelevante.

Finalmente, acho que mais importante que questionar se oftalmologistas com Doutorado *sensu strictu* devem usar o bendito título nos seus artigos em inglês, é saber se eles realmente estão agindo como PhDs. Se eles têm como projeto de vida, a utilização do método científico para o avanço do conhecimento eles são verdadeiros PhDs. Se, ao contrário, eles passam o dia prescrevendo óculos e operando catarata, o título é uma contrafação.

Antonio Augusto V. Cruz

Coordenador do programa de pós-graduação de Oftalmologia da
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP,
Membro da Comissão de Pós-Graduação da
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP e,
last but not least, PhD.

ABO ELETRÔNICO

Novo site

Acesso: <http://www.abonet.com.br>